



Por uma Escuta Gendrada: Entendendo os Dispositivos de Gênero

EIXO TEMÁTICO:

Inclusão, Diversidade e Determinantes Sociais na Saúde Mental

AUTORES:

Alexander Augusto Rodrigues

UNIDADE DE SAÚDE:

UBS Jardim Valquíria

Transtorno de que ou de quem?

Vivemos numa sociedade operada pela lógica patriarcal, neo-liberalista, cisheterossexista e racista. Dito isto, somos atravessados por essas questões estruturais de maneira interseccional, acarretando no modo como subjetivaremos a nossa experiência da dor e do sofrer. Zanello (2018) aponta que diversos são os dispositivos instalados na nossa identidade e que contribuem para o adoecimento psíquico e subjetivo. Não raro, escutamos das usuárias aguardando por atendimento em saúde mental a queixa de sintomas facilmente lidos e interpretados como transtorno de ansiedade, depressão, bipolar, etc. Mas se afinarmos bem a nossa escuta, perceberemos que o padecimento em saúde mental, tem em sua base um sofrimento que é social. Quando a mulher não se encaixa mais na “prateleira do amor ou da maternidade”, os dispositivos de gênero são ativados e começam a incomodar, deteriorando sua capacidade de ser e de sentir.

Costurando a Vida com Fios de Ferro

A frase acima, postulada por Conceição Evaristo, se refere à mulheres negras que em sua história de vida, foram marcadas por situações de vulnerabilização e violência, mas que resistem e procuram recuperar o sentido de sua existência diante de um contexto que as adoecem. Inspirado na autora e nos relatos trazidos pelas usuárias, que o grupo “Costurando a vida com Fios de Ferro” foi criado, com o intuito de produzir uma escuta gendrada das questões de saúde mental trazida por usuárias que vivenciaram situações de violência. O grupo acontece semanalmente, composto por mulheres, e tem por objetivo desconstruir a imagem da “mulher-transtorno”, desvelando os atravessamentos interseccionais na produção do seu sofrimento e suscitando os movimentos de resistência e cura através do coletivo.

Potência através da Vivência

O processo de cuidado em saúde mental pode produzir estigmatizações e deslegitimar as condutas desviantes do modelo cisheteropatriarcal, promovendo movimentos de patologização e individualização de questões estruturais. É necessário, portanto, que estejamos conectados às epistemologias alinhadas às discussões de gênero, raça e classe, promovendo reflexão acerca do nosso saber-fazer, valorizando a vivência dessas mulheres (maior público que acessa a saúde mental no SUS) e extraíndo delas a potência para traçar caminhos mais efetivos na escuta, no acolhimento e nas estratégias de intervenção em saúde mental.

Referências

Zanello, V. (2018) Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Editora Appris: Curitiba –PR.

